

UM ESTUDO DOS ASPECTOS SINTÁTICO-SEMÂNTICOS DAS/NAS LÍNGUAS AFRICANAS

A STUDY OF THE SYNTACTIC-SEMANTIC ASPECTS OF/IN AFRICAN LANGUAGES

Rosivaldo Pires França¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo aborda um estudo semântico-sintático de línguas africanas. Tal pesquisa tem como objetivo principal analisar os aspectos enunciativos, através das construções sintáticas. Além disso, tendo como objetivos específicos: a) perceber diferentes construções sintáticas a influenciar em contextos enunciativos; b) apreender a necessidade dos estudos semânticos atrelados aos sintáticos nos estudos de línguas africanas; e c) assentar uma relação entre os aspectos sintáticos das línguas africanas e seu contexto pragmático. Esse estudo utilizou o aporte teórico de Behe (2021), Benveniste (1976) e Ducrot (1987); bem como os estudos de Araujo e Pal (2015) e Petter (2015). Portanto, observou-se que os aspectos pragmáticos, nessas línguas, correspondem a uma ligação direta na forma como os interactantes formulam seus diálogos, possuindo, assim, nesse caso, partículas (a presença de morfemas focalizadores e topicalizadores), como por exemplo, o *lí* e *è* junto aos termos focalizados, traçando um “poder” performático apresentado nas referidas construções.

Palavras-chave: Linguística Africana; Sintaxe; Semântica.

Abstract: This paper addresses a semantic-syntactic study of African languages. Such research has as main objective to analyze the enunciative aspects, through the syntactic constructions. In addition, having as specific objectives: a) to perceive different syntactic constructions to influence in enunciative contexts; b) to apprehend the need for semantic studies linked to syntactic studies in African language studies; and c) to establish a relationship between the syntactic aspects of African languages and their pragmatic context. This study used the theoretical contribution of Behe (2021), Benveniste (1976) and Ducrot (1987); as well as the studies of Araujo and Pal (2015) and Petter (2015). Therefore, it was observed that the pragmatic aspects, in these languages, correspond to a direct link in the way the interactants formulate their dialogues, thus possessing,

¹ Mestre em Linguística, pesquisador de línguas subdocumentadas, línguas em contato, com ênfase nos aspectos Fonéticos e Fonológicos. Atualmente, professor da rede pública no Estado de Minas Gerais. Ainda sobre os temas de pesquisa, atuo nas seguintes linhas: Linguística Formal e descritiva, Fonética e Fonologia, Línguas em contato, línguas no candomblé, línguas africanas, línguas indígenas. E-mail: rosivaldofranca@yahoo.com.br.

in this case, particles (the presence of focalizing and topicalizing morphemes), such as *lí* and *è* next to the focused terms, tracing a performative "power" presented in these constructions.

Keywords: African Linguistics; Syntax; Semantics.

Submetido em 13 de setembro de 2024.

Aceito em 13 de junho de 2025.

Introdução

A sintaxe é a área dos estudos linguísticos que lida com a organização das palavras em enunciados simples ou complexos a partir de “blocos” chamados de constituintes. Conhecer a sintaxe de uma língua é, portanto, conhecer as diversas formas de como as categorias gramaticais se comportam em diferentes orações. Em contrapartida, a Semântica é a área dos estudos linguísticos o significado e a sua relação com o significante. O significado está associado ao sentido e, portanto, ao conteúdo e ao contexto; o significante está associado à forma (de palavras ou de sinais, de grafia ou de som).

Dentro da Semântica, há conceitos relacionando o uso e a estrutura do significado dentro de determinados contextos, bem como alguns fenômenos gramaticais a respeito do significado na língua. A partir disso, Behe *et. al.* (2021, p. 31) afirma que:

[...] se um falante é capaz de compreender uma sentença e se fazer compreender é porque ele apreende, mesmo inconscientemente, os nexos de significação que ela estabelece, frente a uma referência, de um lado, e as articulações dos elementos constitutivos da unidade sentencial, de outro. Dessa maneira, tendo em vista a significação, o falante saberia em que condições a sentença seria verdadeira ou falsa, relacionando linguagem e mundo.

Diante disso, a relação falante-texto-pragmática possui uma relação estreita com o(s) significados dos estabelecidos pelos elementos formadores de uma sentença, atribuindo de tal forma locação no mundo de fato.

A partir desses breves conceitos e estudos, considera-se que a maioria das pesquisas são voltadas aos aspectos morfossintáticos. Por outro lado, atentar-se para a semântica

nos permite uma maior flexibilidade para abordar os mais variados temas de forma abrangente, em seus aspectos não apenas estruturais. Nesse viés, Behe *et. al.* (2021, p. 37) ratifica que elementos extralinguísticos possibilitam às expressões linguísticas ancoragem nessas dimensões para adquirir as possibilidades de efetivar significações para a referência. O contexto é uma dimensão não linguística. Ainda sobre isso, Benveniste (1976, p. 319-20) questiona sobre o problema de uma análise linguística “bem aceita” está relacionada em desconsiderar todos os aspectos de uma língua, inclusive o semântico.

O problema consiste sempre - em todos os níveis da análise, no interior de uma mesma língua ou nas diferentes etapas de uma reconstrução comparativa em determinar se, e como, dois morfemas formalmente idênticos ou comparáveis podem ser identificados pelo seu sentido.

O autor, portanto, salienta que, para uma análise severamente completa, deve-se considerar todos os níveis linguísticos, afinal todos são complementos de um enunciado. Ainda sobre isso, continua (*op. Cit.*):

O único princípio de que nos serviremos nas considerações que se seguem, tomando-o como admitido, é que o "sentido" de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus em pregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes.

Diante disso, nesse trabalho, a sintaxe e a semântica possuem um elo fundamental para a concepção das línguas africanas, haja vista que a interação linguística, necessariamente, perpassa por elementos presentes nessas áreas.

Ainda sobre a importância da enunciação em contexto de línguas, Behe *et. al.* (2021, p. 40) salienta, pois,

na enunciação, isto é, na passagem da língua ao discurso, entra o modo semântico da significação. Na instância do discurso, os signos passam a produzir referências específicas agregadas ao tempo, ao espaço e aos referenciais de pessoa.

A partir do ponto exposto, as construções proferidas pelos falantes de/em uma língua acarretam enunciados, discursos e concepções ligados aos falantes, possibilitando

uma ampliação da esfera interpretativa. A partir do exposto, Ducrot (1987, p. 77-8) corrobora com a assertiva de que

Esta tese significa identificar duas distinções que, embora sendo correlatas, não o são de maneira tão simples. Eu identificava a oposição austiniana do ilocutório e do perlocutório e a oposição entre o valor pragmático ligado ao enunciado (valor que eu azia engendrar por um "componente lingüístico" que trabalha unicamente a partir do enunciado), e o valor por ele recebido de sua utilização numa dada situação (valor calculado por um "componente retórico" que conhece, ao mesmo tempo, a situação e a significação lingüística do enunciado).

Portanto, considerando o enunciado como uma organização oracional, que possui sua estrutura em escopos lingüísticos, atada à alocação em um contexto situacional.

Com isso, nesse artigo será abordado aspectos sintáticos em detrimento aos semânticos. Logo, serão analisadas algumas organizações que atestadas como construções seriais, topicalização e focalização com percepções sintáticas e semânticas.

1. Topicalização e Focalização

No item anterior, discutiu-se a organização das estruturas nas sentenças. Nessa sessão, será discutida a influência que tais estruturas possuirão, pragmaticamente, em seus interactantes. Dessa maneira, as categorias de foco e tópico serão importantes no ordenamento discursivo dos falantes.

As categorias discursivas de tópico e foco são dois exemplos de como fatores pragmáticos se inter-relacionam com a sintaxe. Essas duas operações são frequentemente discutidas como parte dos estudos interessados na estrutura de informação – a forma como “se empacota” a informação que se quer transmitir para os interlocutores.

No geral, a partir dos conceitos de Araujo e Pal (2015), tópico e foco são descritos em função das noções do que é dado e do que é novo. Os autores afirmam que tais conceitos recebem as etiquetas de “tema” e “rema”, este definido como informação nova e aquele como informação velha.

A partir dessa noção, em português, tem-se, quando queremos fazer algum comentário sobre algo ou alguém que já é conhecido pelos interactantes, geralmente

colocamos o nome da pessoa logo no início da sentença. Nessa perspectiva, Araujo e Pal (2015, p.167) exemplificam com a situação: “*O Joãozinho, o moleque matou o rato*”; no qual “O Joãozinho” é a informação dada enquanto que “a de que ele matou o rato” é a nova informação, portanto, para os autores é denominada de tópico-comentário.

Com relação ao foco, na maioria das línguas, é considerado como uma informação nova. O reconhecimento desse elemento é usado a entonação. Para elucidar tal discussão, os autores trazem o seguinte exemplo:

- (4) a. O que o Joãozinho fez?
 b. Ele MATOU UM RATO.
 c. Quem matou o rato?
 d. O JOÃOZINHO matou o rato.

Fonte: Araujo e Pal, 2015, p.167

De acordo com o dado, os termos em CAIXA ALTA representam a entonação que representa a informação nova.

No que se refere às línguas africanas, segundo os autores, as principais estratégias de topicalização e focalização são as mesmas comumente encontradas em grande parte das línguas do mundo (ARAUJO e PAL, 2015, p.167). Os dados abaixo se referem a esses processos em uma língua edoide da Nigéria:

- (5) Emei (nigero-congolês, benue-congo, edoide)
- a. òjè lá lè.
 Oje correr longe
 ‘Oje escapou’
- b. Òjè, ó lá lè
 Oje 3SG correr longe
 ‘Quando o OJE, ele escapou’
- c. òjè lí ó lá lè
 OJE FOC ele correr longe
 ‘Foi o OJE que escapou’

Fonte: Schaefer e Egbokhare, 2010 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.167

Os dados contidos em (12), observa-se as intercorrências discursivas com a inserção de elementos para a expressividade oracional e pragmática. Em (12)a, há uma

sentença simples. Em (12)b, o falante faz o uso do nominal Oje e em seguida utiliza um pronome que retoma o nome que serve de sujeito. Outro detalhe a ser observado é a presença da vírgula após o nome Oje e antes do pronome indica, nesse sentido, uma pausa, é dessa forma que o nome está topicalizado. Já, em (12)c, tem-se a mesma estrutura de topicalização com a marca de foco, “lí”, que também pode ser um focalizador. Nesse contexto, o uso do *lí* propõe uma ênfase maior em quem escapou, centralizando o escopo na pessoa do evento.

Para ratificar tal exposição, Ducrot (1987, p. 54) salienta que as línguas possuem “os ‘marcadores de atas de fala’. Certos morfemas indicam qual ato (mais exatamente, retomando o termo de Austin, qual ato ilocutório) é realizado quando se utiliza o enunciado em que eles se encontram”; confirmando a existência de “marcados discursivos” no ato pragmático.

Em um outro exemplo, verifica-se, além do papel enfático, que a mudança/acréscimo de informações em uma sentença a partícula que marca o “foco”, desloca-se para o sujeito agente. Os dados abaixo fazem referência à língua Emai:

- (6) Emai (nigero-congolês, benue-congo, edoide)
- a. òjè gbé ólí ófè
 Oje matar o rato
 ‘Oje matou o rato’
- b. ólí ófè, òjè lí ó gbé òì
 o rato Oje FOC ele matar OD
 ‘Quanto ao rato, foi o Oje que o matou’

Fonte: Schaefer e Egbokhare, 2010 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.168

Os dados contidos em (6) apontam para o comportamento discursivo apresentado pelo termo “rato”, que foi deslocado para a posição do tópico, produzindo, assim, o deslocamento do focalizador, *lí*, para próximo do sujeito agente; mudando, dessa maneira, as informações. Sendo, pois, “o rato” uma informação velha, em contrapartida “Oje” se torna a informação nova.

Sobre essas possibilidades, Watters (2000 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.168) aponta algumas estratégias para a focalização: a) mudanças na forma do verbo principal

ou uso de formas auxiliares; b) uso de partículas específicas para foco; c) uso de sentenças clivadas; e d) mudança na ordem básica de palavras, com a presença de uma posição específica para foco.

Outra especificação sobre as particularidades de foco está contida nos verbos. Sobre essa confirmação, a partir dos dados de Waltters (2000) apresentados a seguir:

- (7) Ejagã (nígero-congolês, benue-congo, bantoide)
- | | | |
|----|-----------------------|--------------|
| a. | à-nâm | bì-yù |
| | 3SG.PERF-comprar | CL8-inhame |
| | ‘Ela comprou inhame’ | |
| b. | à-nàm-è | jen |
| | 3SG.PERF-comprar-FOC | O que |
| | ‘O que ela comprou’ | |
| c. | à-nàm-è | bì-yù |
| | 3SEG.PERF-comprar-FOC | CL8-inhame |
| | ‘Ela comprou INHAME’ | |

Fonte: Watters (2000 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.168)

Os dados atestam, nas línguas africanas, o verbo é potencial, também para o recebimento da partícula focalizadora, no caso acima, expresso pela partícula è. Nesse caso apresentado na língua Ejagã, a ênfase discursiva recai sobre o verbo. Sobre esse fato, Heiner e Leyew (*apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.169), afirmam que “marcas de foco por meio de flexão verbal têm sido encontradas apenas em línguas africanas, até o momento”.

Outro caso atestado em línguas africanas é a possibilidade de mudança no verbo e o uso de partículas para marcar o foco, por exemplo em (8), dados da língua Vute:

- (8) Vute (nígero-congolês, benue-congo, bantoide)
- | | | | | | | |
|----|--|------|----------------|------|---------|-----------|
| a. | mvèin | yi | ɓwáb-na | tí | ŋgé | cene |
| | chefe | PAST | comprar-IO | PERF | 3SG | galinha |
| | ‘O chefe comprou para ele uma galinha’ | | | | | |
| b. | mvèin | yi | ɓwáb-na-á | ŋgé | cene | ?á |
| | chefe | PAST | comprar-IO-FOC | 3SG | galinha | FOC |
| | ‘O chefe comprou para ele uma GALINHA’ | | | | | |

Fonte: Watters, 2000 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.169)

Em (15)b, observa que a partícula focalizadora, quando anexada ao verbo, elenca, necessariamente, o sujeito paciente para a recaída, também, do foco. Nesse sentido, a ação de comprar e aquilo que é comprado são focalizados, nesse caso assinalado pela partícula **ʔá**.

A troca dos constituintes em uma sentença é outro fator decisivo na marca de foco. Dados da língua suaíli expõem tal assertiva:

- (9) Suaíli (nigero-congolês, benue-congo, banto) (G-42)
- | | | |
|----------------------|----------------|---------|
| Ali | a-li-fika | jana |
| Ali | IS-PAST-chegar | ontem |
| ‘Ali chegou ontem’ | | |
| Jana | a-li-fika | nani? |
| ontem | IS-PAST-chegar | quem |
| ‘Quem chegou ontem?’ | | |
| Jana | a-li-fika | Ali |
| ontem | IS-PAST-chegar | Ali-FOC |
| ‘O Ali chegou ontem’ | | |

Fonte: BEARTH, 2003 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.170

Os dados acima propõem que a mudança no tipo de frase é fundamental para a focalização. Logo, na interrogativa que, necessariamente, há uma resposta, essa deverá vir com a marca de foco juntamente com o elemento focalizado deslocado à direita, ou seja, para o final da sentença. Fato esse que, de acordo com Araujo e Pal (2015), nessa língua essa posição possui um privilégio.

O acréscimo de afixos, também, é atestado em algumas línguas como forma de focalização de itens dentro da sentença. Abaixo os dados do Quimbundo apontam para a presença desses elementos:

- (10) Quimbundo (nigero-congolês, benue-congo, banto) (H12)
- | | | |
|------------------|--------|----------------|
| a. | mùlòji | w-a-fù |
| | bruxo | IS-PERF-morrer |
| ‘O bruxo morreu’ | | |

- b. ò-mùlò:jí w-a-fù **mwènè**
 PPF-bruxo IS-PERF-morrer FOC
 ‘Quanto ao bruxo, ele morreu mesmo’

Fontes: Dados do autor

Sobre os dados acima, o focalizador é indicado por dois fatores: um a presença de um afixo e o alongamento vocálico. Sobre esse último, é possível constatá-lo no português como forma de enfoque discursivo.

E, na língua Iorubá, um processo interessante atestado para marcar a focalização é a nominalização do verbo.

- (11) Iorubá (nígero-congolês, benue-congo, defoide)
- a. mwón pa Òjó
 S3PL matar Ojo
 ‘Eles mataram Ojo’
- b. Pípa ni nwón pa Òjó
 NOM.matar FOC S3PL matar Ojo
 ‘Eles mataram Ojo’ (Lit.: ‘É o MATAR (que) eles mataram Ojo’)

Fonte: Dados do autor

Nos dados em (11)b, o verbo MATAR recebe, nesse caso, um nominalizador marcado pela partícula **ni** próximo a ele.

Interessante observar a interação que o processo de focalização possui com os verbos nessas línguas, como pode-se notar nos dados abaixo da língua Uólofe.

- (12) Uólofe (nígero-congolês, atlântica)
- a. gis na yaayam
 ver TAM.S3SG mãe.3SG
 ‘Ele viu a mãe dele’
- b. moo gis yaayam
 FOC.S3SG ver mãe.3SG

- ‘ELE viu a mãe dele’
- c. yaayam la gis
 mãe.3SG FOC.S3SG ver
- ‘Ele viu a MÃE DELE’
- d. dafa gis yaayam
 FOC.S3SG ver mãe.3SG
- ‘Ele VIU a mãe dele’

Fonte: Creissels *et al.*, 2008 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.170)

No caso acima, verifica-se que há uma partícula para cada constituinte que o falante queira focar; sendo eles: *moo* para o sujeito, *la* para o objeto e o *dafa* o próprio verbo. Sobre a função enunciativa dos verbos, Benveniste (1976, p. 293) acrescenta que:

É uma conseqüência do fato de que a própria instância de discurso que contém o verbo apresenta o ato, ao mesmo tempo em que fundamenta o sujeito. Assim, o ato é cumprido pela instância de enunciação do seu "nome" (que é jurar), ao mesmo tempo em que o sujeito é apresentado pela instância de enunciação do seu indicador (que é "eu").

Portanto, nessas línguas, o focalizador dependerá, necessariamente, do termo a qual o falante queira dar ênfase; por isso, há uma diversidade para tais termos.

2. Construções seriais

Esse tipo de organização está ligado, obrigatoriamente, à presença de vários verbos para demonstrarem um único evento. Diante disso, Araujo e Pal (2015, p.178) conceituam que:

Construções seriais designam, normalmente, uma construção sintática formada por uma sequência de verbos justapostos, sem conectivos, com o sujeito comum a todos os verbos. Formam um predicado único e, em geral, os verbos que as compõem possuem as mesmas marcas gramaticais de tempo, modo e aspecto. Conceitualmente, descrevem um único evento e suas propriedades entonacionais são semelhantes às de uma oração simples.

Como explicitados acima, tais construções apresentam representações que “fogem” à estrutura sintática engendrada, possuindo, dessa forma, um significado conjunto entre os dois verbos. De um modo geral, essas construções variam a depender da língua, pois a posição dos elementos sintáticos varia, como apontado nos dados apresentados na língua Iorubá e Baluê:

- (13) Iorubá (nigero-congolês, benue-congo, defoide)
- | | | | | |
|----|----------------------------------|--------|--------|--------|
| a. | Olú | mú | iwé | wa |
| | Olu | pegar | livro | veio |
| | ‘Olu trouxe o livro’ | | | |
| b. | Olú | sáré | ti | ilèkùn |
| | Olu | correu | fechar | porta |
| | ‘Olu fechou a porta rapidamente’ | | | |
| c. | Olú | gún | íyan | je |
| | Olu | bateu | inhame | comeu |
| | ‘Olu comeu o inhame’ | | | |

Fonte: Dados do autor

- (14) Baluê (nigero-congolês, cua)
- | | | | | | |
|--|--------|--------------|---------|----------------|------|
| sràn | kùn | kàn | nāwlè | klé | mì |
| ser humano | DET-PL | falar | verdade | mostrar | 1OSG |
| ‘Os seres humanos me contam a verdade’ | | | | | |

Fonte: Lawal e Adenike, 1993 *apud* ARAUJO e PAL, 2015, p.170

Nos dados (13) e (14), aponta que a posição dos verbos varia nas línguas africanas, como apontado no ítem I. Entretanto, esses verbos não possuem operações coordenadas ou subordinadas. Vale apontar que a organização sintática desses verbos apresentados nos dados (13)a e c, no Iorubá, são semelhantes à organização no Baluê.

No próximo dado, há uma outra construção em que um dos verbos possui uma diferença no que se refere às questões pragmáticas.

- (15) Baluê (nigero-congolês, cua)
- | | | | | |
|---|-----------------|-----|------------------|----|
| ò | Fà ¹ | ákò | klè ² | mí |
|---|-----------------|-----|------------------|----|

S3SG pegar frango mostrar 1OSG
 ‘Ele mostra o frango para mim’

Fonte: Dados do autor

No caso do dado em (15), o verbo *fâ* (**pegar**) possui, apenas, nesse contexto, um sentido pragmático e nada tem a ver com o sentido de ‘pegar’ propriamente. Ademais, o verbo (de fato) é expresso pela palavra *klè*. Nesse contexto, o primeiro verbo é pragmático, tendo como função o uso de dinamicidade no discurso.

No dado abaixo, o verbo possui outra função interessante, mas em conjunto a outro, possuindo, assim, um sentido argumental único.

(16) Baluê (nigero-congolês, cua)
 ì **fītē-li** **kō** gwábò
 S3SG **sair**-PERF **ir/partir** mercado
 ‘Ele foi ao mercado’ (Lit.: ‘Ele saiu ir ao mercado’)

Fonte: Dados do autor

Em (16), os dois verbos possuem, semanticamente, o mesmo conteúdo, logo, combinando-se formam uma representação única de um mesmo evento. A partir disso, observa-se que verbos com conteúdos semelhantes, em línguas africanas são mesclados em um teor pragmático mais macro.

Conclusão

Após a análise dos dados, observou-se, superficialmente, que nas línguas africanas as construções sintáticas estão, diretamente, ligadas aos aspectos semânticos e pragmáticos de efetivação argumental dos interactantes.

Logo, estudar essas duas áreas da Linguística é fundamental para o conhecimento de línguas em que tais aspectos estão, intrinsecamente, disponibilizados com os processos sintáticos.

Os tópicos estão presentes nas línguas africanas, entretanto com pouco aprofundamento. Obviamente que a presença dos elementos sintáticos é, necessariamente, importante para a percepção dos traços semânticos nessas línguas.

No caso das línguas africanas, o espaço pragmático é norteado pela organização sintática proferido pelo falante. Dessa maneira, nessas línguas é, indubitavelmente, desvencilhar essas duas áreas para um estudo mais detalhado.

Ao observar os dados infere-se que os verbos, em sua maioria, possuem uma enorme propensão discursivo-pragmática, efetivando um processo intensificador e performático dentro da estrutura argumental. Em outro viés, tem-se os nomes marcados com os morfemas para .

Nessa dinâmica, a linguagem preserva o sentido de um signo inspirado na diferença desse ao adicioná-lo ao fundamento essencial. Esta seria uma forma semiótica de significação construída a partir de uma forma linguística.

Em suma, as análises interrelacionadas habilitam os estudiosos e aos pesquisadores de línguas um aprimoramento/conhecimento de tais estruturas. Isso implica, por exemplo, na elucidação ou validação dos discursos dos falantes nessa língua bem como traços convergentes em línguas, *a priori*, consideradas “diferentes”.

Referências

ARAUJO, Xavier; PAL, Yvette. Tópico e foco em línguas africanas: estrutura informacional e construções pragmáticas. In: PETTER, Margarida (Org.). **Estudos em linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 165–180.

BEARTH, Thomas. Syntax and information structure in Swahili. **Journal of African Languages and Linguistics**, v. 24, n. 2, p. 123–145, 2003.

BEHEL, Louise et al. **Curso de semântica argumentativa**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

BENVENISTE, Émile. **Problema de linguística geral**. Tradução de Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Ed. Nacional, USP, 1976.

CREISSELS, Denis; NOUNKOUN, Bernard; DOUCHAIRE, Michel. Le wolof: une langue atlantique. In: DUMESTRE, Gérard (Org.). **Les langues du monde noir**. Paris: L’Harmattan, 2008. p. 77–104.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. **World lexicon of grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEINE, Bernd; LEYEW, Zelealem. Information structure and grammaticalization in African languages. In: FEINSTEIN, M. (Ed.). **Grammaticalization and pragmatics in African languages**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 201–218.

LAWAL, Ayo; ADENIKE, Kehinde. Serial verb constructions in Balue. In: OLARINDE, B. (Ed.). **Studies in Nigerian languages and linguistics**. Ibadan: University of Ibadan Press, 1993. p. 201–220.

PETTER, Margarida. **Introdução à linguística africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHAEFER, R. P.; EGBOKHARE, F. O. **A dictionary of Emai: an Edoid language of Nigeria, including a grammatical sketch**. Köln: Rüdiger Köppe Verlag, 2007.

SCHAEFER, R. P.; EGBOKHARE, F. O. Demarcating Emai dative constructions. **Studies in African Linguistics**, v. 42, n. 1, 2013.

SCHAEFER, R. P.; EGBOKHARE, F. O. Preverbs: their syntax and semantics in West Africa. **Proceedings of the Linguistic Society of America**, v. 8, n. 1, art. 5507, 2023. DOI: <https://doi.org/10.3765/plsa.v8i1.5507>.

SITOE, B. et al. **A unified standard orthography for South Central African languages** (Malawi, Mozambique, Zambia and Zimbabwe). CASAS Monograph Series, n. 254. Cape Town: Centre for Advanced Studies of African Society, 2003.

WATTERS, John R. Focus in African languages: the interaction of morphosyntax and information structure. In: CARSON, J. (Ed.). **Typological studies in African linguistics**. Stanford: CSLI Publications, 2000. p. 139–160.